

PARENTESCO RITUAL E FORMAÇÃO DE REDES NO CONTINENTE DO RIO GRANDE (VIAMÃO, 1747-1773)

RITUAL KINSHIP AND FORMATION OF NETWORKS IN THE CONTINENT OF RIO GRANDE (VIAMÃO, 1747-1773)

Israel Aquino¹

RESUMO

O presente trabalho propõe o estudo da formação de redes de apadrinhamento, buscando investigar sua utilização como estratégia de atuação e reprodução social pela população de uma comunidade sul-rio-grandense em meados do século XVIII. Para tanto, faz uso de fontes eclesiásticas, registros de batismo, sobretudo, a fim de promover o mapeamento de tais redes. O recorte estabelecido abrange o período de 1747, data do primeiro registro de batismo da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão, até 1773, momento em que ocorreu a transferência da Câmara de Vereadores para Porto Alegre, totalizando 1384 registros analisados. As análises foram realizadas a partir do recurso às ferramentas da Análise de Redes Sociais (SNA, na sigla em inglês), como ferramenta de ensaio e interpretação. Como resultado preliminar, identificamos que o compadrio era utilizado de forma consistente enquanto estratégia de atuação social por aquela comunidade, embora não fosse a única forma de interação social de que se dispunha, nem tampouco tenha tido um uso exclusivamente estratégico, do ponto de vista do ganho social. De modo geral, observou-se que as redes do compadrio estavam incorporadas às práticas costumeiras daquela sociedade, constituindo parte importante das sociabilidades locais.

Palavras-Chave: Hierarquias Sociais. Interdependência Social. Compadrio. Análise de Redes Sociais.

ABSTRACT

The present work proposes the study of the formation of sponsorship networks, seeking to investigate its use as a strategy for social action and reproduction by the population of Rio Grande do Sul and its community in the mid-18th century. To do so, it makes use of ecclesiastical sources, especially baptism records, in order to promote the mapping of such networks. The established cutout covers the period of 1747, the date of the first baptism registration of the parish Nossa Senhora da Conceição de Viamão, until 1773, at which time happened the relocation of the City Council to Porto Alegre totaled 1384 analyzed registrations. The analyzes were carried out using the tools of Social Network Analysis (SNA), as a instrument of tests and interpretation. As a preliminary result, we identified that cronyism was consistent-

1 Mestrando do PPG em História UFRGS

ly used as a strategy for social action by that community, although it was not the only form of social interaction that was available, nor did it have an exclusively strategic use, from the point of view of the community social gain. In general, it was observed that the networks of cronyism were incorporated to the usual practices of that society, being an important part of the local sociabilities.

Keywords: *Social Hierarchies. Social Interdependence. Compass. Social Network Analysis.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, fruto de uma pesquisa em andamento, se propõe a analisar algumas questões iniciais a respeito da formação de redes de apadrinhamento, buscando investigar sua utilização como estratégia de atuação e reprodução social em uma comunidade sul-rio-grandense em meados do século XVIII. Para tanto, fazemos uso de fontes eclesiásticas, principalmente registros de batismo, além de outros materiais auxiliares, como os róis de confessados, a fim de promover o mapeamento de tais redes. O recorte estabelecido abrange o período de 1747, data do primeiro registro de batismo da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão, até 1773, momento em que ocorreu a transferência da Câmara de Vereadores para Porto Alegre, totalizando 1384 registros analisados. As análises a respeito dos usos do compadrio por essa comunidade foram realizadas a partir do recurso às ferramentas da Análise de Redes Sociais (SNA, na sigla em inglês).

A sociedade que se engendrava na estremadura dos domínios portugueses se estabelecia sobre uma noção de “bem comum”, baseada na distribuição de privilégios e na construção de alianças bem como num exercício constante de diferenciação social (AQUINO, 2018, p. 2). Nas palavras de João Fragoso, esta sociedade estava organizada por práticas costumeiras, construídas pela regularidade das sociabilidades locais, e vinculadas a uma concepção corporativa de mundo:

Estou me referindo à hierarquia social costumeira, construída pela interação de potentados, escravos, forros, índios, ministros da coroa, clérigos, etc. Ou seja, sujeitos portadores de orientações valorativas próprias (conforme o grupo, vindos da escravidão africana e da sociedade rural do Velho Mundo) e presentes na Conquista. A materialidade dessas práticas adquiriu a forma das relações de clientela e de parentesco consanguíneo e fictício e, entre outros fenômenos, sob a tutela da monarquia, organizou a sociedade americana. (FRAGOSO, 2010, p. 249)

Fragoso aponta, ainda, que a noção de bem comum implica em duas outras: a primeira diz respeito a um mercado regulado pela política; e a segunda se refere à organização de uma hierarquia social excludente. Como pano de fundo, havia a estratificação social do Antigo Regime, na qual a mobilidade passava pela prestação de serviços ao Rei e à *Res Publica* (FRAGOSO, 2001, p. 22).

Nesse contexto, a freguesia de Viamão foi criada por ordem do bispo de São Paulo, D. Bernardo Rodrigues Nogueira, e desmembrada de Laguna a 14 de setembro de 1747. Mas, antes disso, a região dos “Campos de Viamão” já vinha recebendo fluxos migratórios há alguns anos, especialmente por conta das incursões para captura do gado selvagem das vacarias do sul, tendo sua Capela original sido fundada em 1741. Assim, conforme aponta Fábio Kuhn (2006, p. 103), é necessário, primeiramente, fazer a distinção entre a denominação ‘Campos de Viamão’, uma extensa área que então englobava todo o nordeste do Continente de São Pedro, e a freguesia propriamente dita. Esta última, por ocasião de sua criação, abrangia a região limitada a oeste pelas margens do Guaíba e da Lagoa dos Patos e a leste pelo oceano Atlântico, se estendendo ao norte até os chamados ‘Campos de Cima da Serra’, incluídas aí as regiões dos vales dos rios Caí, Taquari e Sinos. Esse imenso território, contudo, começou a ser desmembrado já nas décadas seguintes, a partir da criação de novas freguesias na região, tais como Triunfo, Santo Antônio e Porto Alegre (Idem).

De acordo com Helen Osório, o termo freguesia “foi o mais utilizado em todas as capitanias do Brasil para referir as paróquias, a circunscrição básica da administração eclesiástica”, tendo assumido, especialmente para a região do Continente do Rio Grande de São Pedro, “sinônimo de povoação e a referência mais frequente aos aglomerados urbanos” (OSÓRIO, 2015, p. 70). Viamão, no caso, foi a segunda freguesia em antiguidade na região, sendo precedida apenas pela freguesia de Rio Grande, situada na barra da Lagoa dos Patos, 60 léguas ao sul.

A extensa área da freguesia apresentava baixa densidade demográfica, configurando-se como uma localidade predominantemente rural. Conforme demonstra Osório (2007, p. 82) a formação do Rio Grande de São Pedro em meados do século XVIII foi marcada fortemente por uma atividade econômica voltada para a atividade agrária e pastoril, com domínio da agricultura, levada a cabo especialmente (mas não só) pelas populações açorianas que foram se fixando no Continente, e seguida de perto pela criação de gado. Os extensos campos devolutos da região foram aos

poucos sendo pontuados de sesmarias² e datas de terra, mas também pela ocupação pura e simples das terras, à medida que novos contingentes de diferentes origens iam chegando.

Ao analisar os róis do ano de 1751, Kuhn apresenta dados que nos permitem ter uma ideia de como estava distribuída a população local naquele momento:

Somente três localidades (...) abrigavam a metade dos fregueses: o Arraial, o Morro Santana e a Guarda de Viamão. No “núcleo urbano” [o Arraial] da freguesia havia um número reduzido de moradores efetivos: o livro de aforamentos de terrenos da Irmandade de N.S. da Conceição demonstra bem qual era a situação existente a essa altura, pois até 1750 foram aforados somente 27 terrenos pertencentes ao patrimônio da confraria, todos eles pequenos lotes variando entre duas e dezesseis braças de frente, que pagavam de foro a módica quantia de 20 réis por braça ao ano. Nesses terrenos, situados na “rua direita” ou na “travessa da fonte”, os primeiros estancieiros construíram suas moradas de casas, ocupadas por ocasião da assistência aos serviços religiosos ou por ocasião das festividades profanas. (KUHN, 2006, p. 112)

Conforme aponta Osório, o ‘Arraial’ de Viamão foi a única povoação a receber essa denominação no Continente, tendo a mesma sido utilizada, provavelmente, enquanto expressão de *“provisoriamente e [d]os momentos iniciais de ocupação do território”* (OSÓRIO, 2015, p. 69). Embora consistisse no núcleo ‘urbano’ desta freguesia, a localidade abrigava um número diminuído de casas, além da igreja consagrada a Nossa Senhora, principal construção do local.

A região que concentrava o maior contingente populacional então - cerca de 200 pessoas - era àquela conhecida como a ‘Guarda’, onde estava localizado o Registro, local onde ocorria a cobrança dos tributos, especialmente sobre o gado em pé, que era levado pelos condutores de tropas às capitâneas do Sudeste (KUHN, 2006, p. 113). Ponto de passagem praticamente obrigatório para quem entrava ou saía dos Campos, a Guarda foi instalada

2 Embora, conforme refere Osório (2015), a concessão de sesmarias nos anos iniciais de povoação tenha se dado de forma muito lenta, especialmente pelo fato da freguesia estar submetida hierarquicamente ao Rio de Janeiro. Assim, as longas distâncias tornaram demorada a emissão dos títulos, fazendo com que até 1749 apenas 13 cartas tenham sido emitidas para a região.

em 1739, tendo sido transformada em Registro em outubro de 1752 (OSÓRIO, 2015, p. 72). No momento da criação da Freguesia, a administração da Guarda já se encontrava sob o comando do tenente Francisco Pinto Bandeira, proeminente estancieiro da região, tropeiro, militar e líder de uma das famílias mais importantes da localidade. Já no ano de 1763, essa região seria desmembrada com a criação da Freguesia de Santo Antônio da Patrulha.

Com a invasão da vila de Rio Grande, também em 1763, Viamão transformou-se na segunda sede da Capitania. O ato foi oficializado em 16 de junho de 1764, sendo nomeado governador o coronel José Custódio de Sá e Faria. Devido às dificuldades causadas pela guerra, contudo, a primeira sessão da Câmara seria realizada somente em junho de 1766 (KUHN, 2006) – e, poucos anos depois, esta seria novamente transferida, desta vez para a localidade de Porto Alegre, em 1773. Assim, nesse contexto de guerra e conquista, deu-se o pano de fundo para a formação dessa sociedade situada nos confins do império ultramarino português.

1 Algumas considerações a respeito da Análise de Redes Sociais

Conforme Bertrand, (2012, p. 61), a ideia de rede social remete a uma estrutura construída com base nas relações existentes entre indivíduos. Destarte, o estudo dessas redes busca demonstrar a capacidade de cada ator em utilizar o conjunto de suas relações com o intuito de satisfazer seus interesses e necessidades (AQUINO & KUHN, 2018, p. 58).

Uma rede social é representada graficamente como um conjunto de pontos, que simbolizam os atores participantes, sendo estes ligados por uma série de relações, que são representadas por arcos ou linhas que conectam os diferentes pontos. Assim, a primeira etapa da análise será a criação do que chamamos matriz de adjacência, em que linhas e colunas representam os atores sociais envolvidos em determinada relação e contexto históricos (Idem). Ainda, para além da elaboração de matrizes e gráficos, cumprem papel fundamental nesta metodologia a produção das métricas de análise, que permitem uma melhor compreensão do papel desempenhado por cada participante no interior da rede.

Assim, para auxiliar na compreensão das informações apresentadas neste trabalho, apresentamos um resumo das principais métricas que serão utilizadas nas próximas seções. Existem dois tipos de métricas a ser consideradas na SNA: as métricas de rede e as métricas dos nós. As métricas de rede são aquelas que indicam características da rede como um todo. Assim, são usadas para extrair características gerais da estrutura observada, tais como sua densidade, tamanho e componentes conectados. Já

as métricas dos nós são aquelas relacionadas aos agentes da rede, que vão caracterizar os nós de modo individual. Elas calculam a posição de cada nó ou agente a partir de vários aspectos, tais como sua posição, suas relações e sua importância frente aos demais participantes.

Dentre as métricas gerais de uma rede, uma das mais simples e mais frequentemente utilizadas é a densidade da rede (*Density*, também representada pela letra grega Δ). A densidade de um grafo indica a intensidade das relações estabelecidas em uma rede, estando relacionada ao número de conexões presentes no grafo em relação ao número total de conexões possíveis. Assim, calcula-se a densidade de um grafo através da proporção das relações existentes sobre o total de relações possíveis, podendo o resultado variar entre zero e um (WASSERMAN & FAUST, 1994, p. 129). Essa métrica é particularmente útil para refletir sobre a intensidade das relações existentes no interior de um determinado grupo. Assim, um grafo denso indica a representação de uma rede de relações intensas, com agentes bem conectados e com uma alta circulação de valores (tais como bens, favores, informações). Por outro lado, uma rede mais dispersa pode indicar um conjunto de relações mais esparsas ou ocasionais, sugerindo uma circulação menor de informações e valores, ou uma ligação mais frágil entre seus pares.

Outra questão a ser avaliada ao analisar uma rede é sua distribuição estrutural. Nesse sentido, uma rede também pode ser analisada pelo número de componentes que a compõe. Um componente é um conjunto de nós dentro de uma rede no qual existe um caminho possível entre todos os nós, ou seja, onde não existem nós ou grupos de nós «soltos». Assim, uma rede pode ser formada por um ou vários componentes: cada conjunto de nós conectados em um grafo representa um componente da rede, que no limite pode ser formado por um único nó, se este não estiver relacionado a nenhum outro nó dentro da rede.

Temos ainda o conceito de distância geodésica (*geodesic distance*), um conceito proveniente da teoria dos grafos. Em um grafo, a distância entre dois vértices é o número de arestas a serem percorridas para chegar de um vértice a outro. Considerando que podem existir vários caminhos entre dois pontos do grafo, dizemos que a distância geodésica entre esses nós é o menor caminho possível entre eles (WASSERMAN & FAUST, 1994, p. 110).

Finalmente, quando consideramos todos os caminhos possíveis de se percorrer em um grafo, dizemos que a distância geodésica máxima do mesmo (também chamada diâmetro do grafo) é o maior caminho que pode ser percorrido entre dois nós quaisquer em seu interior. Essa métrica nos permite ter uma ideia do tamanho da rede analisada, mas também nos fala da densidade dos relacionamentos em seu interior. Isso porque uma rede pode ter um diâmetro baixo, mesmo quando composta por um grande nú-

mero de nós, desde que as relações entre estes sejam densas. Assim, um grafo com um diâmetro alto indica uma rede de relações ampla e dispersa, enquanto um grafo com um valor de diâmetro baixo pode indicar uma rede pequena, ou uma rede grande, mas densamente conectada (Idem, p. 112).

Já as métricas locais de um grafo, também chamadas métricas individuais ou métricas dos nós, são estatísticas produzidas para cada um dos vértices que compõe uma rede e informam sobre seu posicionamento, atuação e importância frente aos demais. Dentre estas, tem importância central as métricas de centralidade, que servem para caracterizar os nós individualmente quanto ao posicionamento ocupado no interior do grafo.

O grau de um vértice (*Degree*) é uma métrica direta, que corresponde ao número de relações em que o ator está envolvido. Em um grafo direcionado, essa métrica assume duas formas, que chamamos centralidade ou grau de entrada (*InDegree*) e centralidade ou grau de saída (*OutDegree*), e que estão relacionadas ao papel cumprido pelo nó em cada uma de suas relações. Assim, o *InDegree* de um nó corresponde ao número de relações em que este é o polo ativo ou receptor na relação, ou seja, o número de relações que são direcionadas para este nó (WASSERMAN & FAUST, 1994, p. 125).

Talvez seja melhor explicar esse conceito com um exemplo da nossa pesquisa. Em uma relação de compadrio, dizemos que o vínculo entre os atores não se dá entre iguais, ou não se dá num plano horizontal. Isso porque as atribuições e expectativas existentes de parte a parte colocam os envolvidos em um plano desigual, onde as relações de dom e contradom imbricam as partes envolvidas em uma série de obrigações sociais e, mais que isso, diferenciam os envolvidos tanto no plano social como espiritual, de acordo com o que entendemos pelo conceito de ‘economia do dom’. Em função disso, a análise destas relações através do método da SNA ocorrerá através do uso de um grafo direcionado, onde utilizamos setas para indicar a direção das relações que estão sendo representadas. Assim, as setas do grafo representam o polo ativo dessas relações, no caso os atores que atuaram como padrinhos ou madrinhas, enquanto o ponto de onde parte essa relação será o pai ou mãe da criança. Assim, um nó com *InDegree* alto nessa rede corresponderá a um agente que atuou como padrinho muitas vezes.

Por oposição, o *OutDegree* de um nó correspondente ao número de vezes em que a relação partiu dele. Em nosso caso, esse seria o número de vezes em que um pai ou uma mãe ofereceu seu filho ou filha para ser padrinhado, mas essa métrica também pode ser usada, em outros casos, para identificar o quanto um nó é atuante em uma rede, ou pode indicar atores que tentam se aproximar mais de outros na rede, buscando constituir um maior número de relações (que não necessariamente serão correspondidas). Essa métrica é utilizada, ainda, para identificar nós mais ativos em

uma rede de citações, como quando trabalhamos com redes de autoria ou análise de relações em *social media*, por exemplo.

Outra métrica de centralidade que tem grande importância na Análise de Redes Sociais é o chamado Coeficiente de Intermediação (*Betweenness Centrality*). Basicamente, esta métrica indica o potencial de intermediação de um nó entre diferentes setores da rede, ao considerar quantos ‘caminhos’ da rede passam por ele, indicando, assim, quais atores conectam diferentes *clusters* na rede.

Wasserman e Faust buscam explicar a importância dos intermediadores em uma rede nos seguintes termos:

As interações entre dois atores não-adjacentes podem depender de outros atores (...), especialmente atores que se encontram no caminho entre os dois. Esses outros atores, potencialmente, podem ter algum controle sobre as interações entre os dois atores não-adjacentes. (...) Esse ator “central” (...) pode ter algum controle sobre alguns dos caminhos [do gráfico], enquanto os que estão na borda podem não ter. Ou, pode-se afirmar que os atores “centrais” têm mais “influência interpessoal” sobre os outros. (WASSERMAN & FAUST, 1994, p. 188-189)

Supondo que, para que um ator A entre em contato com um ator B, o ator X precise ser usado como intermediário. Podemos dizer que esse ator X tem certa “responsabilidade” para com os atores A e B, considerando que essa relação poderia ser ‘quebrada’ caso ele se retirasse da rede. Se considerarmos, assim, todos os percursos mais curtos que passam por X, onde ele atua como intermediário entre outros atores ou grupos diferentes, temos então o Coeficiente de Intermediação desse nó (Idem).

Assim, um ator que possui um alto *betweenness* não necessariamente é aquele com maior grau de entrada (*InDegree*) ou saída (*OutDegree*). O grau de intermediação calcula outro tipo de centralidade, buscando identificar quais atores são capazes de manter a estrutura da rede, ou seja, cujo papel conectivo é mais central. Dessa forma, esses atores são identificados na bibliografia como intermediários, conectores ou pontes³, cumprindo uma função importante e assumindo um posicionamento fundamental para a circulação de informações e valores na rede.

Agora que apresentamos um resumo das principais métricas utilizadas pela análise de redes sociais, voltemos às relações sociais e espirituais formadas pela população de Viamão.

³ Também citados como *goznez*, *bridges* ou *brokers*.

2 Quem batizava e quem era batizado

Os dois primeiros párocos designados para a freguesia de Viamão permaneceram pouco tempo aí. Antônio Sampaio, natural de Paranaguá, tomou posse em 1748 e, já no ano seguinte, partiu. Seu substituto foi o paulista Manoel Luís de Vergueiro, que também permaneceu por um ano, apenas. No ínterim de vacância do padre titular, Viamão chegou a ser atendida pelo pároco de Laguna, Mateus Pereira da Silva, que chega a ser mencionado nos róis da freguesia como proprietário de um fogo no Morro de Santa Ana, dentro ou nas proximidades da fazenda de João Antunes, onde assistiam, ainda, um sobrinho e dois escravos (RUBERT, 1994, p. 72), e aparece eventualmente ministrando os sacramentos para a comunidade local durante os próximos anos. O padre é ainda mencionado por Fábio Kuhn como partidário do bando dos Brito Peixoto em Laguna, motivo pelo qual teria sofrido perseguições do governo local, além de acusações sofridas junto ao governo do Rio de Janeiro (KUHN, 2006, p.73). Mais tarde, o padre Mateus foi transferido para a localidade de Rio Pardo.

Apenas na década seguinte Viamão recebeu um padre que aí permaneceu por um período maior de tempo. O padre José Carlos da Silva era natural da localidade de Itu, capitania de São Paulo, e antes de ser designado vigário da nascente freguesia de Viamão já havia desempenhado a função de pároco e capelão militar na vila de Rio Grande, desde os idos de 1738. Em Viamão, o padre permaneceu no período de 1750 a 1763. Segundo Arlindo Rubert, o padre possuía terras na parte setentrional do Continente, povoadas com animais e lavouras⁴, das quais parecia se ocupar frequentemente, o que é indicado por sua ausência corriqueira na capela, que pode ser notada no lançamento dos registros. Rupert cita, inclusive, que o padre José Carlos teria ‘dado mau exemplo’ no pagamento de tributos sobre a passagem de gados de sua fazenda pelo Registro de Viamão, tendo sido *“procurado para que os satisfizesse, mas com pouco resultado porque se escondia”* (RUBERT, 1994, p. 61).

Quando o pároco titular se ausentava da freguesia, ou quando não estava presente no local de uma cerimônia, era comum que atribuisse suas funções a outro representante da Igreja. Nos registros de Viamão – especialmente para a década de 1750 – essas atribuições foram desempenhadas

4 Nos róis da década de 1750 não encontramos menção ao fogo do Padre José Carlos da Silva, de modo que não nos foi possível identificar se este possuía escravaria. Acreditamos que isto se deva à corrosão dos primeiros registros dos róis, pois era comum que o pároco responsável pelo levantamento das almas da freguesia comesse os lançamentos pelo próprio fogo. Todavia, é certo que o padre possuía, ao menos, duas índias administradas, que são mencionadas no Livro I de Casamentos da Freguesia. Ainda, considerando o padrão encontrado para os outros padres residentes na região, é provável que o pároco possuísse ao menos um pequeno plantel.

especialmente pelo padre Thomas Clarke, escrivão da Vara eclesiástica e também proprietário de um fogo com escravos na região (o número de cativos do padre variou de 7 a 10 entre o início e o fim da década). Nascido em Portugal por volta de 1700, o padre Clarke seria designado nos anos seguintes para a freguesia de Triunfo, onde permaneceu até sua morte, em 1779. Note-se, ainda, que por ocupar o cargo de escrivão no início da década de 1750, o padre Clarke também foi o responsável pela lavratura de diversos documentos eclesiásticos na freguesia – inclusive por parte dos lançamentos nos róis da década de 1750, conforme nota a historiadora Vanessa Campos, responsável pelo traslado dos róis que utilizamos para este trabalho.

Em finais da década de 1760 o padre José Carlos da Silva seria substituído pelo pároco Baltazar dos Reis Custódio, nascido na capitania do Rio de Janeiro e, presumivelmente, bem mais jovem, tendo em vista ter sido ordenado há poucos anos (RUBERT, 1994, p. 73). O padre Baltazar chegou a enfrentar diferenças com alguns franciscanos que atuavam na freguesia em seus primeiros anos, retornando em 1771. Na sua gestão, foi ainda erigida à capela de São Francisco do Porto dos Casais, que daria origem à cidade de Porto Alegre, e foi desmembrada de Viamão em 1772. O padre Baltazar foi transferido para outra localidade em 1773, coincidindo com o fim do recorte temporal adotado para este trabalho.

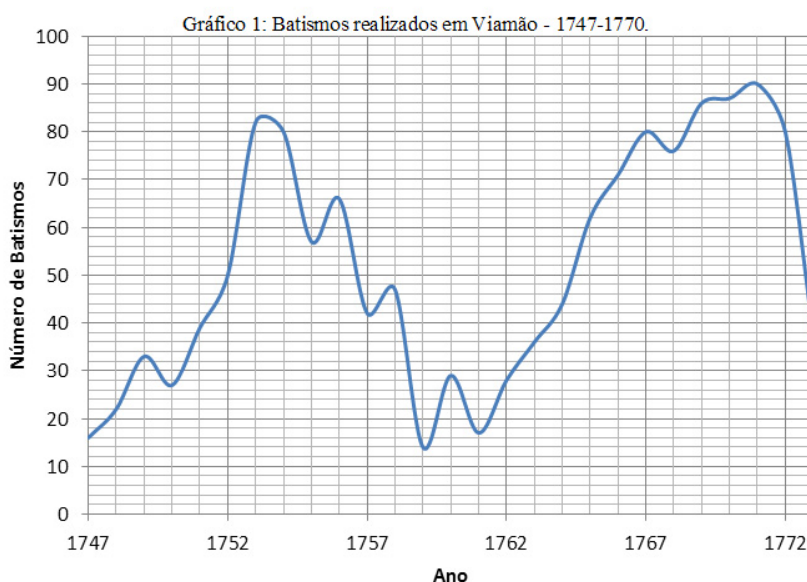
Outro aspecto interessante a se notar é a presença desses párocos junto a pia batismal na qualidade de padrinhos, mesmo considerando a proibição que as Constituições Primeiras impunham a esse tipo de relação. O mais discreto dos párocos de Viamão foi o padre Baltazar Custódio, que no início da década de 1770 batizou duas crianças, filhos dos potentados Domingos Gomes Ribeiro e Pedro Lopes Soares. O escrivão da freguesia, padre Clarke, chegou a batizar sete crianças em Viamão, também filhos de potentados locais, além da filha natural de uma escrava. Mas nenhum deles superou o padre José Carlos da Silva, que durante sua permanência em Viamão batizou 17 crianças, filhas de diversos proprietários de terras na região, especialmente de famílias provenientes da região de Laguna, precursoras do povoamento local, tais como os Pinto Bandeira, tornando um dos padrinhos preferenciais da freguesia.

Em relação aos batizados ministrados por esses religiosos, analisamos o total 1384 registros, realizados entre meados de 1747, momento da instalação da freguesia, até a transferência da Câmara para Porto Alegre, no ano de 1773⁵. Neste período, conforme podemos depreender dos róis de

5 Acontecimento que tomamos aqui como marco temporal para nossa pesquisa, por entender que demarca uma transição importante para a sociedade local. Importante notar que o terceiro livro de registros de Viamão possui outros 397 registros, que avançam até o ano

confessados ainda disponíveis, das fontes paroquiais e de outros trabalhos consultados, a população da freguesia passou por oscilações bastante sensíveis, devido às sucessivas levas migratórias que ali chegaram, partindo de um contingente de cerca de 800 pessoas adultas no final dos anos de 1740 (KUHN, 2006), inicialmente distribuídas em cerca de 135 fogos, atingindo um número que deve ter ultrapassado 2000 almas nas décadas seguintes (AQUINO, 2018, p. 170).

Como foi dito, esses números foram incrementado pela chegada de contingentes sucessivos nas décadas seguintes. Esses fluxos migratórios podem ser percebidos nos registros de batismo, que apresentam maiores picos nos anos imediatamente posteriores à chegada destes grupos, conforme mostrado no gráfico a seguir.



Fonte: AHCMPA - Livros 1, 2 e 3 de Batismos da Freguesia de Viamão.

Os registros apresentaram uma média de 52 batismos ao ano. Os anos iniciais de formação da freguesia apresentam um número de nascimentos mais baixo, assim como os o período final da década de 1750, quando ocorreu o desmembramento da freguesia de Triunfo (AQUINO, 2018, p. 171). Por outro lado, a chegada de novos contingentes é refletida, como pode ser percebido nos anos de 1753 e 1754, bem como nos anos de 1765 em diante, culminando com o maior pico de registros no final dos anos 1760. Para os anos de 1750, essa curva ascendente coincide com o aumento do

de 1782, os quais não serão incluídos em nossa análise, devido ao recorte escolhido.

registro de casamentos, que atinge seu maior número em 1753, quando foram realizadas 30 cerimônias na freguesia, o que corresponde a quase o dobro da média naquela década, que foi de 15,9.

Para o início da década de 1760, momento de declínio no número de cerimônias realizadas, temos uma soma de fatores que pode contribuir para explicar essa queda. Além do desmembramento das freguesias de Triunfo (1756), Anjos (1757) e Santo Antônio (1763), pesaram outros fatores que indicam antes um sub-registro dos batismos, do que uma redução dos nascimentos propriamente. Um desses fatores é a ausência de parcelas da população do segundo livro da freguesia, notadamente índios e negros. Prática comum nos registros eclesiásticos do período, é provável que a localidade possuísse um livro específico para os cativos, que não sobreviveu ao tempo. Além disso, as tentativas da Coroa em disciplinar as relações entre colonos e indígenas, através do Diretório dos Índios de 1758⁶, pode ter contribuído para que a figura do índio 'administrado' desaparecesse dos registros.

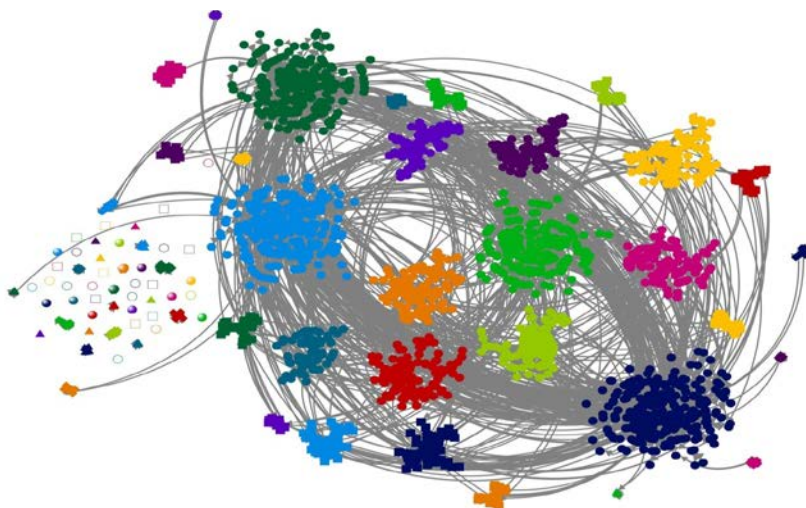
A partir de 1762, pode-se notar uma retomada no crescimento do número de cerimônias, que é incrementado pela chegada dos grupos oriundos de Rio Grande, por ocasião da invasão dos espanhóis. O crescimento se mantém ao longo da década, atingindo um pico nos registros entre os anos de 1767 e 1771. Porém, o número de cerimônias realizadas sofrerá nova queda a partir de 1772, quando o desmembramento da freguesia de Porto Alegre, onde seria instalada a Câmara, é refletido por uma nova queda no número de batismos, com apenas 38 registros no ano seguinte. A oscilação no número de batismos sugere, ainda, que Viamão poderia ser um local de trânsito para parte das famílias que chegavam ao Continente, e que devem ter se estabelecido em outros destinos após uma breve estadia nesta freguesia.

Finalmente, acreditamos que a emancipação da freguesia de Porto Alegre tenha sido o principal motivo para a queda dos batismos o início da década de 1770, pois o número de registros nos anos seguintes se estabiliza em torno de 40 por ano. Nota-se, portanto, que esse acontecimento constituiu-se em marco importante para as dinâmicas sociais da região, sendo uma das razões que nos levou a delimitar o marco temporal de nosso trabalho.

6 O Diretório dos Índios foi uma lei publicada durante o governo do Marquês de Pombal, caracterizada por uma série de diretrizes que regulamentavam a criação de aldeamentos indígenas e a inserção dessas populações na sociedade. Propunha a normatização de diversas práticas, estabelecendo critérios educacionais, administração da força de trabalho e a relações entre indígenas e colonos. Ao mesmo tempo em que regulava a liberdade das populações indígenas, o Diretório institucionalizava seu modo de trabalho. O objetivo era levar as populações indígenas a realizar a transição para a vida civil e integrá-las à sociedade colonial (COELHO, 2016).

3 As redes de parentesco espiritual das gentes de Viamão

A partir do mapeamento e sistematização dos registros de batismos da freguesia, foi possível identificar como se configurava a rede de relações de compadrio dessa população, permitindo-nos avançar algumas características a respeito desses relacionamentos. A rede de compadrios das famílias viamonenses em meados do século XVIII era composta por 2263 agentes (nós), que estabeleceram entre si um total de 4489 laços distribuídos em 51 componentes. Cada um dos nós desta rede representa um indivíduo (um dos pais ou padrinhos) mencionado nos registros de batismos, enquanto os laços são uma representação das relações que essas pessoas estabeleciam entre si. No caso, estamos falando de relações de compadrio, ou seja, em uma relação desigual, que envolvia distintas práticas sociais (dom, fidelidade, reciprocidade). Tratava-se, portanto, do que a teoria das redes chama de uma relação assimétrica, ou seja, uma relação que unia indivíduos em posições desiguais, que são representadas pelas setas presentes no grafo (AQUINO, 2018, p. 172).



Grafo⁷ 1: Redes de Compadrio - 1747-1773⁸.

Fonte: AHCMPA - Livros 1, 2 e 3 de Batismos da Freguesia de Viamão.

7 Grafo é o termo utilizado na SNA para designar a representação gráfica das redes.

8 Grafo gerado com o auxílio do software NodeXL, que funciona como complemento do programa Microsoft Office Excel. Para os grafos utilizados neste trabalho foi aplicada a seguinte configuração: algoritmo Harel-Koren Fast Multiscale, com a configuração de agrupamento por Clusters, utilizando o sub-algoritmo Clauset-Newman-Moore direcionado por força. Essa configuração foi escolhida por privilegiar a visualização dos agrupamentos mais densos no interior do grafo, permitindo identificar a aproximação entre agentes que têm suas relações reiteradas ao longo do tempo.

A partir da representação gráfica da rede formada pelas relações de compadrio das famílias viamonenses podemos perceber a existência de um componente principal, relacionado mais densamente, que reúne cerca de 91,2% dos agentes participantes e agrega 96,1% do total de relações de compadrio estabelecidas. Esse número demonstra que, embora nem sempre estivessem ligadas diretamente, a maioria das famílias da região estava ritualmente relacionada, o que reforça a ideia de uma sociedade interdependente, onde diferentes estratos sociais se interligavam através das práticas religiosas (AQUINO, 2018, p. 173). Além do componente principal, identificamos outros 50 componentes menores e isolados, pequenos grupos que não estavam ligados através do compadrio à comunidade da freguesia, sendo estes formados majoritariamente por famílias de migrantes açorianos que estavam chegando à região no período, e também por indígenas e escravos.

As métricas produzidas para esta rede indicaram que a mesma possuía densidade baixa, de apenas 0,001. A densidade D de uma rede é calculada a partir da fórmula $D = l/[n(n-1)]$, onde l indica o número de laços presentes no grafo e n o número de vértices. Essa métrica produz uma relação entre o número de relações possíveis dentro de uma rede e o número de relações efetivas, permitindo identificar quão aglutinados são os vínculos do grupo analisado (WASSERMAN & FAUST, 1994, p. 129). Assim, conforme aponta Aquino (2018, p. 173) os dados dessa rede coadunam com as informações disponíveis a respeito da demografia local, indicando a existência de uma comunidade pequena e dispersa (o que é indicado pela baixa densidade geral), mas que apresentava, todavia, grupos em seu interior que eram mais densamente relacionados.

A existência desses grupos mais densos foi favorecida pela atuação de agentes que se destacaram dentro da comunidade, sendo recorrentemente procurados para apadrinhar as crianças que nasciam no local, constituindo assim o grupo dos padrinhos “preferenciais”, também chamados por Brugger (2007) e outros autores de “campeões de batismo”. Se considerarmos apenas os 10 indivíduos que mais apadrinharam no período, identificamos que estes colecionaram 340 ‘compadres’ e ‘comadres’, o que corresponde a 7,6% das relações da freguesia. Esses padrinhos e madrinhas preferenciais faziam parte do estrato econômico mais abastado da região, em sua maioria proprietários de terras, funcionários régios e comerciantes, ou suas esposas e filhos (além do já mencionado padre José Carlos da Silva).

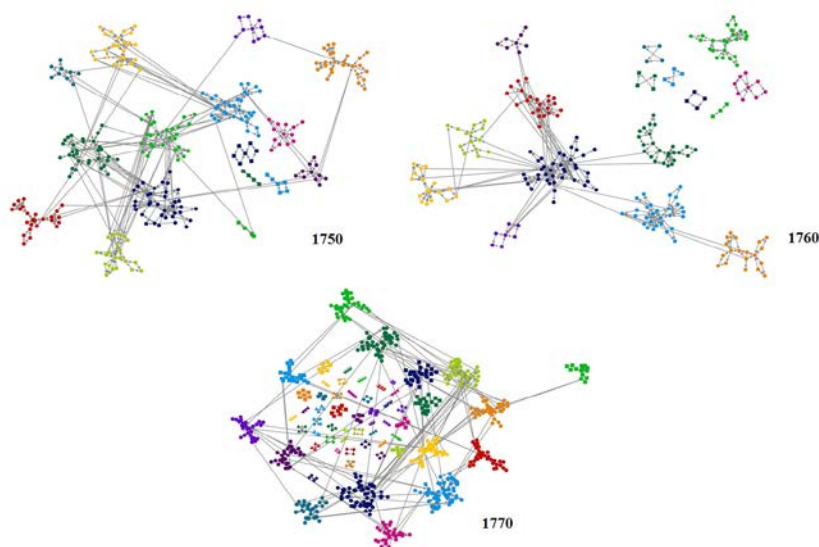
A imagem que visualizamos no Grafo 1, portanto, dá conta de mostrar as conexões estabelecidas ao longo de 26 anos pela comunidade da freguesia de Viamão através das relações de compadrio. Ela nos traz pistas,

também, da importância do sacramento do batismo para aquela comunidade católica, e de como tal instituição atravessava e aproximava o cotidiano daquelas pessoas. Por outro lado, a utilização deste grafo traz uma limitação, que é de certa forma inerente a utilização da própria análise de redes, e que diz respeito à certa imobilização das relações, que aparecem representadas no Grafo como algo ‘perene’, constante, distante de uma realidade que deveria ser bem mais dinâmica e fluída. Afinal, ao longo de 26 anos muitas coisas poderiam acontecer: amigos se distanciam, novas relações são formadas, pessoas se mudam pra outro lugar, enfim. Não podemos tomar a rede em si como um “instantâneo” da realidade. Trata-se, antes, de uma representação que possui suas próprias limitações, assim como qualquer outra.

Uma forma de tentar contornar essa limitação, mesmo que de maneira parcial, é tentar visualizar como essas relações se definiam e se transformavam ao longo do tempo, a fim de visualizar as mudanças que ocorriam – se ocorriam – na utilização do compadrio por esta comunidade. Para fazer isso, optamos por proceder de duas formas: a partir da comparação visual dos subgrafos gerados a partir de um recorte temporal dos relacionamentos firmados entre pais e padrinhos; e, por outro lado, a partir da comparação das métricas e índices gerados para cada uma dessas redes. Assim, tentaremos realizar uma breve comparação entre três recortes temporais tomados a partir do recorte inicial, buscando identificar as flutuações nas relações de compadrio daquela comunidade ocasionadas nas pela passagem dos anos. Para isso, apresentamos abaixo as redes e métricas geradas para cada período, tomando como base as décadas de 1750, 1760 e início da década de 1770, avançando até o ano de 1773⁹.

Na década de 1750, identificamos a realização de 501 cerimônias de batismo, considerando livres e cativos. Estas cerimônias foram registradas no primeiro livro de batismos da freguesia e nas primeiras páginas do segundo. Para a década de 1760, foram identificadas 530 cerimônias, enquanto que para os anos iniciais da década de 1770 identificamos 280 batismos, conforme pode ser verificado nos livros de número 2 e 3. Conforme já comentamos, diferente do primeiro livro de batismos da comunidade, os livros seguintes se caracterizam por um predomínio de batismos de crianças livres. No grafo e nas tabelas apresentadas abaixo, pode ser visualizada a comparação entre esses três períodos. Retomamos a seguir:

9 Os anos finais da década de 1740 não foram considerados para fins dessa comparação por apresentarem número reduzido de registros.



Grafo 2: Redes de compadrio separadas por década.

Fonte: AHCMPA - Livros 1, 2 e 3 de Batismos da Freguesia de Viamão.

É possível perceber que a visualização dos grafos segmentada por décadas não apresenta diferença visual significativa, exceto por uma maior dispersão das relações que pode ser percebida para os anos iniciais da década de 1770. Para as duas primeiras décadas do período analisado, as representações gráficas guardam entre si semelhanças visíveis, com a formação de *clusters*¹⁰ relacionais no interior das redes relativamente bem conectados. Essa percepção é confirmada quando segmentamos as métricas tomando em consideração cada período, sendo possível compreender melhor algumas características assumidas por estas redes, conforme demonstrado na Tabela 1.

Tabela1: Comparação das métricas das redes de compadrio por década

	1750	1760	1770
Vértices	287	233	678
Laços individuais	491	364	983
Laços (total)	531	414	1011

¹⁰ Um cluster é um conjunto de nós mais densamente relacionados dentro da rede, sendo também chamados de comunidades.

Índice de reciprocidade	0,01957	0,03108	0,0080
Componentes	5	8	45
Distância Geodésica Máxima	13	16	20
Densidade	0,00622	0,00714	0,00217
InDegree Máximo	14	14	18
Agentes com maior InDegree	Beatriz B. Rangel Gertrudes Menezes Dionísio R. Mendes	José S. Peixoto Ana Maria Silveira	Manuel B. da Rocha
Betweenness Máximo	14754,372	12680,630	47637,597
Agentes com maior Betweenness	Pedro Lopes Soares	José Carlos da Silva	Domingos G. Ribeiro

Fonte: AHCMPA - Livros 1, 2 e 3 de Batismos da Freguesia de Viamão.

Em linhas gerais, as métricas encontradas para as décadas de 1750 e 1760 apresentam maior proximidade, inclusive quando comparamos os agentes com índices de InDegree e Betweenness mais altos para os dois períodos (o InDegree máximo para essas duas décadas foi de 14, enquanto a Betweenness teve variação de cerca de 14% - mesmo assim, bem distante do valor apresentado para o último período). Outras características que guardam semelhança nos dois períodos são uma densidade e uma distância geodésica baixas, próximas do encontrado para a rede principal, bem como a formação de grupos mais densos no interior da rede, o que demonstra a manutenção das características identificadas para esta comunidade nos anos iniciais de sua formação (comunidade rural e geograficamente dispersa), conforme mencionado acima.

Por outro lado, podemos notar uma elevação no número total de laços na rede que representa o início da década de 1770, sendo acompanhado de uma queda sensível no índice de densidade da mesma, de quase qua-

tro vezes. Essas transformações em relação às redes dos anos anteriores indicam uma maior dispersão das relações de compadrio no interior da mesma rede, correspondendo a um período de crescimento populacional da freguesia. O número de componentes presentes nesta rede também é bem maior do que nas décadas anteriores, reforçando a percepção de que as relações estavam se tornando mais diluídas, a partir da formação de um número maior de grupos e *clusters*, o que pode estar relacionado a uma nova etapa da organização social local. O deslocamento de grupos oriundos da vila de Rio Grande nos anos anteriores (por ocasião da invasão espanhola de 1763) também pode ter contribuído pra isso, ao contribuir para a formação de novos grupos de sociabilidade na comunidade local.

Outra característica marcante, nos três períodos analisados, é a presença de agentes pertencentes aos mais altos estratos socioeconômicos daquela comunidade nas posições mais destacadas desta rede, ocupando os maiores índices de centralidade e intermediação. Como podemos ver na Tabela 1, o capitão Pedro Lopes Soares apresentou o maior índice de intermediação (Betweenness Degree) para a década de 1750. Neste período, ele foi seguido de perto pelo padre José Carlos da Silva, vigário da freguesia. Já na década seguinte, eles invertem suas posições, mas se mantêm em destaque nas redes locais. Já na década de 1770 desponta a figura do capitão Domingos Gomes Ribeiro, proeminente militar e latifundiário da região, oriundo das “melhores famílias” da vila de Rio Grande e proprietário da Estância do Itapuã (KUHN, 2006, p. 135). Essa ascensão protagonizada pelas famílias rio-grandinas no “mercado” do compadrio local também pode ser notada nas outras métricas dessas redes.

A presença contumaz de agentes dos estratos econômicos superiores da região nas posições mais destacadas das redes também pode ser percebida quando observamos os índices de centralidade para cada período. Para a década de 1750, podemos observar nas primeiras colocações, como padrinhos preferenciais da freguesia, integrantes da parentela do sesmeiro Jerônimo de Ornellas e de seu concunhado, Dionísio Rodrigues Mendes. Já para as décadas seguintes, é possível observar uma crescente participação da parentela ligada ao grupo dos Silveira, também oriundos de Rio Grande. A participação destacada destes agentes nas redes desses três períodos pode ser mais bem observada nas Tabelas 2 e 3, apresentadas abaixo:

Tabela2: Agentes com maiores Betweenness, por década.

1750		1760		1770	
Pedro Lopes Soares	14754,4	Jose Carlos da Silva	12680,6	Domingos Gomes Ribeiro	47637,6
Jose Carlos da Silva	12818,4	Pedro Lopes Soares	12425,7	Ana Rodrigues de Jesus	32299,2
Antônio Jose Viegas	12510,4	Teresa Maria de Jesus	11626,7	Inácio Osorio Vieira	25170,9
Ludovina Monteiro Barbosa	9978,7	Felícia Maria de Oliveira	8650,2	Manoel Bento da Rocha	22499,7
Rita de Menezes	8747,2	Maria Teresa de Jesus	8142,9	Antônio Jose de Alencastro	22143,5
Gaspar Fernandes	8272,6	Clara Maria de Oliveira	7558,6	Manoel dos Santos Robalo	15489,3
Maria de Brito	8272,6	Domingos Jose Pereira	6119,5	Antônio Jose da Silva Braga	13323,9
Francisco Xavier de Azambuja	8098,9	Manoel Soares Pinto	5610,2	Baltazar dos Reis Custódio	12943,2
Manoel Gonçalves Meireles	7246,2	Francisco Pinto Bandeira	5135,8	João Pereira Chaves	12910,7
Maria Jacinta de Oliveira	7097,9	Teresa de Jesus	4275,4	Francisco Pires Casado	12717,6

Fonte: AHCMPA - Livros 1, 2 e 3 de Batismos da Freguesia de Viamão.

Tabela3: Agentes com InDegree igual ou maior que 10, por década.

1750		1760		1770	
Gertrudes Barbosa de Menezes	14	Ana Maria da Silveira	14	Manoel Bento da Rocha	18
Beatriz Barbosa Rangel	14	Jose da Silveira Peixoto	14	Inácio Osorio Vieira	14

Dionísio Rodrigues Mendes	14	Pedro Lopes Soares	12	Isabel Francisca da Silveira	12
Maria Jacinta de Oliveira	13	Dionísio Rodrigues Mendes	11	Ana Rodrigues de Jesus	10
Francisco Xavier de Azambuja	12	Antônio Jose Pinto	10		
Clara Maria de Oliveira	12	Felícia Maria de Oliveira	10		
Rita de Menezes	12				
Jose Raimundo de Ornelas	11				
Pedro Lopes Soares	10				
Rafael Pinto Bandeira	10				
Manoel Gonçalves Meireles	10				
Lucrecia Leme Barbosa	10				
Jose Carlos da Silva	10				

Fonte: AHCMPA - Livros 1, 2 e 3 de Batismos da Freguesia de Viamão.

Nessas duas tabelas, é possível perceber uma tendência que se mantém, grosso modo, para as três décadas analisadas, e que diz respeito justamente à presença desses agentes oriundos dos estratos socioeconômicos superiores daquela sociedade nas posições mais destacadas daquelas redes. Para a década de 1750, por exemplo, é possível perceber a frequência desses agentes comparecendo como padrinhos preferenciais nos registros da freguesia. Para além do grupo vinculado a Jerônimo de Ornellas, já mencionado, podemos notar também a presença da família Pinto Bandeira, família igualmente destacada daquela comunidade. Embora as posições apresentem variações, é possível perceber os nomes das mesmas famílias

aparecendo com destaque na tabela que lista os agentes com maior índice de intermediação na freguesia.

Situação bastante semelhante pode ser observada para a década seguinte, com alguns agentes se revezando nas primeiras posições. Para os anos iniciais da década de 1770, porém, podemos notar duas diferenças principais: a primeira diz respeito à importância crescente assumida pelo grupo de famílias provenientes da vila de Rio Grande, que conforme aponta Kuhn (2006) assumiriam paulatinamente a posição de liderança política e econômica regional deste momento em diante. A outra diferença que pode ser notada é o número cada vez menor de padrinhos preferenciais, ou seja, daqueles agentes que apresentam índice de InDegree igual ou maior que 10, que cai de 13 indivíduos na década de 1750 para apenas 3 no início dos anos de 1770 (embora aí estejam sendo considerados apenas os três primeiros anos, conforme recorte originalmente proposto). Tal mudança é um indicativo de que esses agentes poderiam estar acumulando prestígio crescente para si e para suas famílias, alcançando maior destaque em um cenário onde as relações firmadas à beira da pia batismal se tornavam cada vez mais dispersas e diversificadas. Por outro lado, reforça o papel destas pessoas junto aos estratos menos favorecidos daquela comunidade, à medida que se destacavam como os “campeões de batismo” daquela freguesia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício teórico realizado acima traz algumas considerações iniciais a respeito de uma pesquisa de mestrado em andamento. Os dados analisados sugerem que ao estabelecer relações verticais e horizontais através do compadrio, as famílias principais da freguesia de Viamão não apenas se legitimavam socialmente, mas contribuíam para a legitimação de outros, em um exercício de diferenciação e hierarquização social permanente. Isso é refletido nas métricas que apresentamos e nos índices alcançados por aqueles agentes.

Utilizamos o instrumental da Análise de Redes Sociais para examinar algumas das características dos relacionamentos construídos por famílias viamonenses no século XVIII através do compadrio, com o objetivo de tecer algumas considerações iniciais a respeito da forma como essa instituição era utilizada. As relações identificadas sugerem o uso do compadrio como parte de uma estratégia social. Elas permitiram-nos distinguir um conjunto de alianças verticais e horizontais, onde temos, por um lado, ligações construídas entre famílias abastadas através do parentesco ritual, ao batizar os filhos uns dos outros, enquanto a associação com outras camadas sociais indica a utilização do compadrio também para o fortalecimento

de relações verticais com estratos subalternos, que lhe serviam de base social, econômica e política.

A inclusão desses estratos nas redes das famílias de elite respondia, portanto, a uma lógica de legitimação de uma estratificação costumeira, conforme descrito por João Frágoso, que formatava uma sociedade hierarquizada a partir de uma concepção de equidade social, ou seja, uma concepção que previa que a cada indivíduo nessa sociedade cumpria um lugar natural. Dessa forma, a construção de relações verticais respondia a uma necessidade de ordenamento social que permitia ao senhor criar uma base clientelar que lhe serviria de sustentação social e econômica, mas ao mesmo tempo também o obrigava a fornecer proteção ao seu cliente. Lembrando o que nos diz Hespanha, a prática do dom implicava também na expectativa de retribuição. Desta forma, se evidencia que o interesse dessas camadas subalternas em procurar padrinhos abastados poderia estar ligado às be-nesses que disso poderiam auferir.

Evidentemente, o compadrio era apenas uma das estratégias mobilizadas por aquelas gentes no desenvolver de suas práticas cotidianas. Não era a única, e talvez nem a mais importante. Afim a se manter à tona nas hierarquias sociais do seu tempo, as gentes da elite colonial engendravam diferentes estratégias, desde casamentos à formação de bandos, desde o arremate de contratos e a compra de cargos ao desenvolvimento de carreiras militares. E, claro, havia a *conquista*, expediente importante para a constituição de um *status* de fidalguia, mesmo que esse fosse baseado apenas no uso e no costume. Mas, dentre aquele universo de práticas ditas costumeiras, pudemos verificar que o compadrio também teve seu lugar, sendo mobilizado de formas variadas pelas gentes que compunham àquela sociedade.

Tais ilações iniciais sugerem, portanto, que os usos da instituição do compadrio naquela comunidade seguiam uma lógica situada no âmbito de uma sociedade de Antigo Regime, permeada por normas de equidade e diferenciação social. Contudo, podemos perceber que estas eram influenciadas pelas mudanças da própria dinâmica social da freguesia, à medida que novos agentes sociais se incorporavam e novas relações eram construídas. Esperamos, com o desenrolar desta pesquisa, contribuir para o aprofundamento desta discussão e o esclarecimento dos expedientes utilizados pelos diferentes segmentos sociais nos usos que faziam do compadrio e outras práticas cotidianas.

REFERÊNCIAS

- ARQUIVO HISTÓRICO DA CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. *Livro 1º de Batismos de Viamão*. 1747-1759.
- ARQUIVO HISTÓRICO DA CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. *Livro 2º de Batismos de Viamão*. 1759-1769.
- ARQUIVO HISTÓRICO DA CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. *Livro 3º de Batismos de Viamão*. 1769-1782.
- ARQUIVO HISTÓRICO DA CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. *Translado dos Róis de Confessados da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão*. Anos de 1751, 1756, 1757 e 17588.
- DAVIDE, Sebastião M. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Lisboa: Typ. 1719. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/222291>>. Acesso em: 26 nov. 2018.
- NEUMANN, Eduardo; KUHN, Fábio. *Resgate de fontes paroquiais - Porto Alegre e Viamão, século XVIII*. 1º Livro de Batismo de Viamão. Porto Alegre: [s.n.], 2009. Disponível em: <<http://www.viamaoantigo.com.br/dados1747.htm>>. Acesso em: 09 jan. 2019.
- NEUMANN, Eduardo; KUHN, Fábio. *Resgate de fontes paroquiais - Porto Alegre e Viamão, século XVIII*. 2º Livro de Batismo de Viamão. Porto Alegre: [s.n.], 2009. Disponível em: <<http://www.viamaoantigo.com.br/dados1747.htm>>. Acesso em: 09 jan. 2019.
- AQUINO, Israel. Índias, pretas e donas na mesma trama: interdependência e hierarquia social no Brasil colonial (Viamão, 1747-1759). *Revista Eletrônica História em Reflexão*, UFGD, v. 12, n. 23, p. 84-100, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.30612/rehr.v12i23.7882>>. Acesso em: 04 fev. 2019.
- AQUINO, Israel. *O infante protetor: redes sociais e estratégias familiares na construção da imagem de um jovem senhor (Viamão, 1747-1759)*. Disponível em: <http://www.eeh2018.anpuh-rs.org.br/resources/anais/8/1529331815_ARQUIVO_TextoANPUH.pdf>. Acesso em 04 fev. 2019.
- AQUINO, Israel da Silva; KÜHN, Fábio. Redes, hierarquia e interdependência social nas relações de compadrio do século XVIII (Viamão, 1747-1769). *Revista Maracanã*, Rio de Janeiro, UERJ, n. 19, 2018. p. 91-106. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/revmar.2018.33118>>. Acesso em: 04 fev. 2019.
- BERTRAND, Michel. De la familia a lared de sociabilidad. *Escuela de Historia*, Rosário, n. 6, p. 47-80, 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3541231?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 09 jan. 2019.

- BLANCO, Márcio M. *A senzala em movimento: notas sobre os primórdios da família escrava nos campos de Viamão (1747-1758)*. Disponível em: <<http://www.escravidaoliberdade.com.br/site/images/Textos5/blanco%20marcio%20munhoz.pdf>>. Acesso em 09 jan. 2019.
- BRUGGER, Silvia M. J. *Minas Patriarcal: família e sociedade*, São João del Rei, séculos XVIII e XIX. São Paulo: Annablume, 2007.
- COELHO, Mauro Cezar. *Do sertão para o mar: um estudo sobre a experiência portuguesa na América: o caso do Diretório dos Índios (1750-1798)*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.
- FRAGOSO, João. A Economia do bem comum e a formação da elite senhorial do Rio de Janeiro no Império Português (século XVI e XVII). *Dimensões*, Vitória: UFES, v. 13, 2001. p. 14-27. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2373/1869>>. Acesso em: 09 jan. 2019.
- FRAGOSO, João. Capitão Manuel Pimenta Sampaio, senhor do engenho do Rio Grande, neto de conquistadores e compadre de João Soares, par-do: notas sobre uma hierarquia social costumeira (Rio de Janeiro, 1700-1760). In: FRAGOSO, João; GOUVEIA, Maria de Fátima. *Na Trama das Redes: política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- HESPAÑA, Antônio M. A mobilidade social na sociedade de Antigo Regime. *Tempo*, Rio de Janeiro, v.16, n.21, p. 121-143, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n21/v11n21a09>>. Acesso em: 09 jan. 2019.
- KÜHN, Fabio. *Gente da Fronteira: família, sociedade e poder no sul da América Portuguesa – século XVIII*. 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2006_KUHN_Fabio-S.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2019.
- OSÓRIO, Helen. A organização territorial em um espaço de fronteira com o império espanhol e seu vocabulário. Notas de pesquisa. *Claves Revista de Historia*, Montevideo, v. 1, n. 1, 2015. p. 67-90. Disponível em: <<http://revistaclaves.fhuce.edu.uy/index.php/Claves-FHCE/article/view/16>>. Acesso em: 07 jan. 2019.
- OSÓRIO, Helen. *O império português no sul da América: estancieiros, lavradores e comerciantes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- PONCE LEIVA, Pilar; AMADORI, Arrigo. Redes sociales y ejercicio del poder em la América Hispana: consideraciones teóricas y propuestas de

análisis. *Revista Complutense de Historia da America*, Madrid, v. 34, p. 15-42. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/RCHA/article/viewFile/RCHAO808110015A/28432>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

RUBERT, Arlindo. *História da igreja no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 1994.

WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. *Social Network Analysis: methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.